

O PANORAMA.

JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO

DA

Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Utels.

67) PUBLICADO TODOS OS SABBADOS. (AGOSTO 11, 1838)



O MASCARA DE FERRO.

REINAVA em França Luiz 14.^o, quando, segundo o testemunho de um historiador francez, certo preso desconhecido, moço ainda, bem appessoado, e de notavel altura, foi mandado para uma ilha na costa de Provença, com a maior cautella e segredo. Durante o caminho, levava o preso uma mascara, de tal modo arranjada com molas de ferro, que podia comer sem descobrir a cara, havendo ordem para o matar, apenas elle pertendesse faze-lo. O ministro d'estado, Louvois, visitou-o, e fallou-lhe em pé, tractando-o com o maior respeito. Diz-se que quando estava pre-

Vol. II.

so na ilha, gravara, uma vez, algumas palavras n'um prato de prata, com a ponta de uma faca, e o deitaria depois fóra, por uma janella, que dava para o mar. Apanhou-o um pescador e trouxe-o ao governador da ilha, o qual, depois de lhe dizer o homem, que não sabia ler, o mandou embora, affirmando-lhe que a sua ignorancia lhe salvava a vida. Este governador foi depois mudado para o governo da Bastilha, e o preso da mascara de ferro, guardado com todo o cuidado, foi trazido para Paris. Na Bastilha foi alojado com toda a decencia, que permittia a qualidade

do logar : tinha uma excellente mesa ; satisfazião-se-lhe todos os appetites ; e era raro assentar-se o governador diante delle. Tocava guitarra, e gostava muito de enfeites e boa roupa. O medico que tractava delle costumava examinar-lhe a lingua, mas nunca lhe viu o rosto. O seu metal de voz era suave ; nunca se queixou, nem tentou jámais, ao menos por via de signaes, dar-se a conhecer. Morreu em 1703, e foi enterrado no cemiterio de S. Paulo. Tanta importancia e peso se dava a este mysterio tenebrosissimo, que estando para morrer Mr. Chamillart, ministro da guerra, e successor de Louvois, seu enteado lhe rogou com vivas instancias que revelasse quem era o mascara de ferro ; mas elle respondeu, que isto era um segredo de estado de grandissima monta, o qual elle tinha jurado nunca revelar.

Tudo isto parece ser um romance historiado ; o que não deve maravilhar porque o caso era em si bastantemente extraordinario, para que vogassem muitas patranhas, ácerca de um homem, cujo nome, e circumstancias se escondiam tão cautelosamente. Houve quem dissesse que era Fouquet, que fora ministro da fazenda, e caíra no desagrado delrei ; outros afirmavam, que era um patriarcha armenio. Uns certificavam que era Luiz, conde de Vermandois, filho de Luiz 14.^o e de Mademoiselle de La Vallière, posto que se dissesse que elle tinha morrido e sido enterrado em 1683 : outros asseveravam que era o duque de Beaufort, que, apesar disso, tinha, com toda a probabilidade sido aprisionado, e degolado pelos turcos, no cerco de Candia. Mas a opinião que mais vogou, e que por muitos tempos passou pela unica verdadeira foi a de que o mascara de ferro era um filho de Anna, mãe de Luiz 14, e que tendo nascido gêmeo deste monarcha, se procurara por este meio impedir que elle fosse motivo de dissensões e até de guerra civil entre os francezes.

Recentemente Lord Dover pretendeu provar, com documentos tirados dos archivos de França, que o preso desconhecido era um agente particular de Carlos, duque de Mantua, e que soffrera este extraordinario e longo captiveiro por ter enganado Luiz 14.^o, em um negocio secreto do estado, cujas particularidades se não podiam revelar sem cubrir de opprobrio os dois principes envolvidos nesse negocio. Vinha este a ser a entrega aos francezes da cidade e fortaleza do Casal no territorio de Mantua. O conde Matthioli, conselheiro d'estado, que tinha grande valia com o duque obrigou-se por uma avultada quantia de dinheiro a induzir seu amo para que fizesse aquella cessão ; mas parece que o perfido conselheiro recebeu maior somma da Austria e da Hespanha, que tinham contrarios interesses e o negocio abortou. Luiz 14.^o quiz vingar-se ; e o ministro, que tractara com Matthioli destes enredos, soube manhosamente atrahi-lo para o territorio francez : apenas ahí poz pé foi preso e entregue a S. Marr, que, como seu guardador, o levou para a ilha de S. Margarida, cujo governo lhe foi dado, passando depois para o da Bastilha, aonde tambem levou consigo o preso que lhe fora entregue. Tal é a historia que a este respeito refere o Lord Dover, e que passa hoje por unica verdadeira.

Depois de um captiveiro de 24 annos e meio, Matthioli expirou repentinamente em Novembro de 1703. Depois da sua morte os guardas da Bastilha raspam e lavaram as paredes do quarto onde habitara, queimaram as portas e caixilhos, e derreteram todos os vasos de metal, de que elle se servira. Quando os registos da Bastilha se pozeram patentes em 1789 nada se achou que dissesse respeito a Matthioli.

DEPOIS de termos fallado no artigo antecedente [*] do anno juliano, segue-se tractar do anno gregoriano, que é o que actualmente seguimos.

Depois dos trabalhos que se fizeram para reformar o calendario, os quaes já apontámos, a primeira cousa que se fez foi restabelecer a harmonia entre o anno civil e o anno solar ; para isto cortaram-se dez dias ao anno de 1582, que teve só 355 dias. Os dias que se supprimiram foram de 5 a 14 de Outubro, de maneira que do dia 4 saltou-se ao dia 15. E para prevenir que os minutos que, apesar da invenção dos bissextos, sobejavam todos os annos no calendario gregoriano, e que, apesar de serem apenas 12, viriam, com o correr dos tempos a formar dias inteiros, ordenou-se que tres annos *seculares*, isto é os ultimos de cada seculo, que, segundo o calendario juliano, deviam ser bissextos, fossem *communs*, e que só no quarto anno secular, isto é, passados quatro seculos, se intercalaria um anno bissexto. Deste modo os annos 1700 e 1800, que, segundo o calendario juliano deviam ser de 366 dias, foram só de 365, e o mesmo acontecerá em 1900 ; mas o anno 2000 será bissexto, como devia ser segundo aquelle antigo calendario.

A consequencia desta nova maneira de computar, é admittir que em 400 annos, havia tres dias mais no anno civil, do que no solar ; mas tal computo não é rigorosamente exacto : a differença de um a outro anno no fim de 4 seculos não é só dos tres dias que se foram supprimindo, um no fim de cada seculo, mas sim de 3 dias 2 horas e quasi 37 minutos, erro bem leve, que se teria evitado, se, em vez de não fazer bissexto o ultimo anno de cada tres seculos, se fizesse não bissexto um em cada 128 annos. Outra falha deste calendario é que ordenando-se nelle que todos os paizes catholicos celebrem a paschoa no mesmo dia, o papa não se lembrou daquelles que estando no occidente ou no oriente teem um dia de menos ou de mais.

Gregorio 13.^o não pôde alcançar, na verdade, com a correção que fez ao calendario, que o equinoxio da primavera caísse sempre exactamente no dia 21 de março ; o momento do equinoxio vae-se atrazando insensivelmente de anno para anno ; mas uma harmonia mais perfeita do anno civil com o anno tropico, teria produzido difficuldades na chronologia, sem utilidade nenhuma para o uso da vida commum.

Os italianos, hespanhoes, portuguezes, francezes, e outros povos catholicos, adoptaram de bom grado o calendario do papa : o mesmo aconteceu nos Estados d'Allemanha que seguem o culto romano, e que em 1582, 1583, ou 1584 receberam o novo estylo. Mas os principes e estados protestantes, offendidos com o tom de auctoridade absoluta, que neste negocio tomara o papa, e receando deslustrar a sua independencia, seguindo como conselho o que fora intimado como ordem, recusaram mudar o seu vicioso calendario. Seguiram este exemplo todos os povos lutheranos e calvinistas, bem como os gregos e os russos, separados da igreja romana.

Desde então houve dois calendarios na Europa ; e nos paizes onde vivem misturados catholicos com protestantes, esta diversidade de computo foi origem de graves inconvenientes. Não sómente as festividades religiosas eram celebradas em epochas differentes pelos diversos cultos christãos, mas todos os actos e instrumentos publicos levavam duas datas, e os historiadores se viam obrigados a servir-se dos dois estylos. Escreviam-se as datas como uma fracção ; o numerador

(*) PANOR. VOL. 2.^o pag 138.

dor indicava o antigo estylo, e o denominador o novo. Por exemplo $\frac{14}{24}$ de Agosto queria dizer 14 de Agosto segundo o antigo estylo, e 24 segundo o novo; $\frac{30 \text{ de Agosto}}{9 \text{ de Septemb.}}$ significava, 30 de Agosto segundo o antigo estylo, e 9 de Septembro segundo o novo; $\frac{25 \text{ de Dezembro } 1699}{5 \text{ de Janeiro } 1700}$ &c.

A differença entre os dois annos gregoriano e juliano seria de 11 dias desde 1700 visto que este anno, bissexto segundo o antigo computo, era commum no novo, se os protestantes não tivessem emfim tomado a resolução de deixar a sua viciosa chronologia. O corpo evangelico de Ratisbona tomou em Septembro de 1699 um *conclusum*, ou resolução, em virtude do qual, de 18 de fevereiro de 1700 [mez que no calendario juliano devia ser de 29 dias] se passasse immediatamente ao 1.º de Março. Foi um professor de mathematica em Sena, chamado Erhard Weigel, que, com as repetidas representações dirigidas aos estados protestantes, os persuadiu a fazerem semelhante refórma. O mesmo aconteceu na Hollanda, na Dinamarca e na Suissa. Os inglezes não seguiram tão rasoavel exemplo senão em 1752, passando de 20 de Agosto a 1 de Septembro, e os suecos, em 1753, fazendo acabar o mez de fevereiro no dia 17. Assim os russos são o unico povo christão na Europa, que conserva o antigo estylo; e como o seu anno de 1800 foi bissexto, sendo commum no resto da Europa, andam agora mais atrasados doze dias do que os outros povos desta parte do mundo, no computo dos dias do mez.

Supprimindo dez dias do seu anno, os protestantes não tinham, todavia, querido admittir o calendario gregoriano. A vontade de fazer a reforma, ainda com maior perfeição do que a tinha feito o papa, os fez cair n'outro inconveniente. Corrigiram algumas inexactidões do calendario gregoriano, como as que se acham no calculo da festa da paschoa, mas que nenhuma importancia tinham para os usos da vida civil. Mandaram, pois, redigir um almanach particular, que se chamou o *calendario correcto*. Seguiu-se dahi que muitas vezes, no seculo 18.º, em 1724 e em 1744, os catholicos e os protestantes não celebraram na mesma epocha a festa da paschoa, e as outras festas moveis. Desagradaveis consequencias teve esta differença em muitas cidades principaes da Alemanha, onde os adherentes dos diversos cultos são numerosos. Emfim o corpo evangelico teve, em 1777, a prudencia de abandonar o calendario reformado, e de adoptar o gregoriano.

Tal é o anno gregoriano, que seguimos como fundamental e regulador, não só para os computos civis ordinarios, como tambem para termo de comparação com as fórmas, que a antiguidade e diversos povos modernos teem dado ao seu. Dessas fórmas fallaremos no proximo artigo.

UMA ERUPÇÃO VOLCANICA NA ILHA DE S. JORGE.

A ILHA de S. Jorge, uma das dos Açores, não é mais de que uma alta serra, ou espinhaço agudo, a que dão doze leguas de comprido, e de que pende para os dois lados norte e sul um costado muito ingreme, retalhado de espaço em espaço por profundos valles e quebradas, obra das aguas, e dos fogos subterraneos.

Na noite de 31 de Abril de 1808, no sitio da Urselina, da mesma ilha, tremeu a terra tão amiudadamente que se contavam 8 tremores por hora. No domingo, 1 de Maio, foi tal violencia dos tremores que todo o povo fugiu da igreja. Depois de jantar ouviu-

se um estrondo, caíram algumas pedras das paredes, e logo no alto da freguezia, bem defronte da igreja, se viu fumo, que em breve engrossou, e subindo ao mais alto ceu fez arco sobre parte das freguezias das Manadas e da Urselina. Ao mesmo tempo saíam de um volcão, sem intervallo de tempo, estrondos fortissimos e medonhos. Para a parte das Manadas caíu uma chuva de arêa grossa, que cubriu campos até a altura de sete palmos, entulhou vinhas e casas, e quasi que chegou com o seu peso a abater algumas destas.

O volcão despedia chammas, que saindo-lhe do centro chegavam aos ceus, e arrojava pedras de 3 palmos a distancia d'um quarto de legua, sem fallar em uma de 16 palmos em quadro, e de outras menores, que subindo á mesma altura caíam como densos chuveiros.

Com a chegada da noite cresceu a consternação dos habitantes, ao verem o fogo, as pedras em braza que quasi lhes caíam nas cabeças, as vidraças da igreja que pareciam despedaçar-se, e os echos d'aquelle pregoeiro que lhes ameaçava a morte. Até a terça feira arreventou o fogo em sete logares, sendo o ultimo perto da *Ribeira do arceiro*; porém n'essa tarde abrandou o fogo, o qual na madrugada da quarta feira rompeu entre os ribeiros acima da Fajaã, levantando nuvens de pó e de enxofre. Na ermida de N. S. do Deserto, e em outros logares caía uma terra sulphurea e muito pegajosa a qual com o peso derribava muitas arvores, e com o fetido entontecia os viandantes.

Passados alguns dias foi arreventar o fogo nas arêas de sancto Amaro. Dois enormes boqueirões vomitavam chammas, que derramando-se pelos campos á maneira de dois rios caudalosos, cubriram de lava, até o dia seguinte, um espaço de mil e duzentas braças quadradas, e encaminhando-se para as casas obrigaram o povo a buscar a salvação desamparando-as e fugindo.

As auctoridades, freiras, &c. retiraram-se para diversos logares, e o fogo tanto que rompeu n'aquelle sitio retrocedeu para o primeiro em que arreventara defronte da igreja, e deixando seccas as fontes e devastado o terreno por onde passára, continuou com o antigo impeto, a arremessar aos ares pela cratera do volcão muitas arêas, que arruinaram parte dos campos da freguezia das Manadas, e chegaram á ilha do Pico, e á cidade de Angra, sendo para notar que quando a maré enchia crescia a violencia do volcão.

Vieram do Fayal uns inglezes cubiçosos de observar a qualidade dos mineraes: um d'elles mais atrevido quiz ver o volcão, mas ferindo-o no rosto uma pedra já vinda do ar deitou a correr sem mais lhe importar o para o que alli fôra vindo.

Uma noite, pelas 11 horas se observou que vinha nova torrente de fogo correndo pelo pé de um monte, abrazando pastos, revolvendo e lançando para muito longe pedras de desmesurada grandeza; sendo o mais singular de tudo isto que os terrenos por baixo dos quaes surdia o fogo parecia estavam ócos, porque logo depois da erupção ficaram os campos incendiados e sem terra.

O vigario da freguezia das Manadas tendo concordado com o da Urselina em que iriam salvar algumas madeiras da igreja, começaram ambos a pôr em obra esta sua tenção ajudados de alguns freguezes, quando levantando-se de repente um turbilhão de fogo e introduzindo-se nas terras lavradas, revolveu todos os campos circumvisinhos com suas arvores e bardas, e semelhante a uma nuvem medonha e ardente, correndo ao baixo da igreja, queimou dentro d'ella e nas casas para onde fugiram, umas trinta e tantas pessoas. Parou a nuvem juncto da ermida, e o paro-

cho da Urselina que allí ficara, vendo de tal sorte tomada a luz do sol, que o dia se convertera em noite escurissima, julgou ser chegado ao termo da sua vida e tractou de consumir o S. Sacramento. Entretanto começou de raiar uma escaça claridade, e animando-se elle com este feliz prognostico, esperou que ella crescesse para sair da ermida, e a poucos passos encontrou o vigario e um clérigo muito queimados, e outras pessoas mais ou menos maltractadas. Vinham uns com a pelle dos pés e mãos penduradas, outros tão inchados e pretos que se não conheciam, outros com pernas quebradas, e alguns expirando.

No dia 16 appareceu na falda de um monte, que se formou de pedra e arêa no mais alto da ilha, uma abertura por onde saíam seis caudalosas ribeiras de fogo, que arrazaram os principaes campos e sessenta e sete casas, e mudando de direcção por differentes vezes, correram a final para o mar, depois de deixarem a igreja [de que só escapou a terra e um bocadinho de adro] enterrada em lava de dezoito covados de altura.

O volcão continuou a vomitar sem interrupção umas vezes pedra, outras arêa, até o domingo do Espírito Sancto, 5 de Julho do mesmo anno 1803.



COLUMNA DE TRAJANO.

UMA das maiores maravilhas que restam da antiga Roma é a columna magnifica alevantada pelo senado em honra de Trajano, na praça ou foro, a que este

imperador tinha dado o seu nome. Victorioso duas vezes dos dacios ou dinamarquezes, Trajano tinha sujeitado aquelles barbaros ao imperio romano; e foi esta victoria e conquista que o senado quiz comemorar.

O foro de Trajano, no qual se ergueu o monumento, era obra deste principe, e a mais maravilhosa entre as maravilhas de Roma. Havia no meio a celebre basilica ulpiana, um palacio, um gymnasio, uma bibliotheca, porticos &c. Suppõe-se que o seu comprimento era de 1150 pés, e a largura de 470. Em um dos topos estava o templo de Trajano, e no outro um arco triumphal: pelos lados corriam fieiras de columnas, e toda a area era lageada de marmore.

Esta praça assentava n'um valle, que jazia entre o monte Quirinal, e o Capitolino. Trajano a tinha alargado fazendo escavações espantosas no Quirinal, e querem alguns que a altura da columna marque a elevação desse monte, d'onde se começou a cortar a terra, para fazer a rampa, que vinha morrer no nivel da praça.

As revoluções porque passou Roma, as destruições dos barbaros, e o tempo, foram pouco a pouco arruinando esta obra espantosa: a base do Quirinal alargou-se outra vez sobre a praça, e no seculo 15.^o já esta se não conhecia senão pela columna enterrada no meio de mais de duzentas casas, tres torres, e tres egrejas.

Desde o tempo de Paulo 3.^o começaram-se, todavia, a fazer escavações: hoje a grande columna está perfeitamente desembaraçada, bem como a basilica ulpiana. Teem-se collocado nos logares proprios os fragmentos das columnas lateraes, e tudo o que se encontra; e, como em Pompeia, um pedaço de cidade romana vae surgindo, pouco a pouco, do seu sepulchro.

A altura da columna de Trajano, incluindo a estatua, que antigamente estava no topo, dizem os antigos escriptores que era de 140 pés: a que hoje tem, sem a estatua é de 128 pés romanos modernos. Não se sabe quando essa colossal estatua foi derrubada: os pés della ainda existiam no seu logar no tempo de Sixto 5.^o, e a cabeça achou-se enterrada no entulho juncto da base. A imagem de S. Pedro, que está agora no topo, tem 11 pés de altura, e é de bronze dourado: foi allí collocada por Sixto 5.^o em 1587.

A columna é composta de 33 pedaços enormes de marmore, tendo 8 palmos na base, 23 no fuste, um no capitel, e um por cima. O diametro do fuste é de 11 pés e duas pollegadas em baixo, e 10 pés em cima. Pelo interior vae uma escada de caracol, cortada no marmore, e de 184 degraus, pelos quaes se so sobe á varanda do topo. Na base, entre trophéus, e figuras allegoricas, ha uma inscripção, em parte illegivel, a qual recorda quão enormes escavações se fizeram para abrir aquella praça.

A cousa mais curiosa deste monumento são os baixos-relevos que cobrem o fuste, correndo em volta da columna em uma faixa espiral que dá 22 voltas antes de chegar ao capitel. O objecto destes baixos-relevos são as victorias de Trajano nas suas campanhas da Dacia. O numero das figuras que ahí estão esculpidas é de 2:500, entre as quaes se repete mais de 50 vezes a de Trajano: na parte inferior do fuste as figuras teem de altura dois pés; mas a faixa vae alargando e as figuras crsecendo, quanto mais se aproximam do topo. Estes baixos-relevos offerecem aos curiosos materia de largo estudo sobre os usos, costumes e instituições militares, não só dos romanos, mas tambem dos barbaros.

HOSPICIO DOS MARÍTIMOS EM LONDRES.

O hospício dos marítimos em Londres não é um edificio construido em terra firme, porém fluctua nas aguas do Tamisa. Não é tambem um estabelecimento de antiga creação, pois não existia ainda ha quinze annos. Tão pouco é um estabelecimento do governo, instituido á custa do estado, mantido com dinheiros publicos; é sim uma fundação meramente de particulares, começada, sustentada e ampliada por meio de doações generosas, e fintas espontaneas; uma sociedade de homens caritativos, composta de cidadãos de todas as classes; uma reunião feita aonde? Na London Tavern; aos 8 de Março de 1821, aqui se votou que se realizasse o util e nobre pensamento de não deixar acabar ao desamparo o marinheiro enfermo, para quem a guerra e o commercio se não tinham até então lembrado de preparar soccorros e um asylo para onde elle não recusasse deixar-se transportar.

Com effeito o marinheiro é um doente de especie particular. Não lhe quadram os estabelecimentos que convém aos infelizes das outras profissões. Quem lhe offerece os mesmos soccorros que aos outros não conhecerá o marítimo, pois em lugar de consola-lo o reduzirá ao desespero; em vez de cura-lo mata-lo-ha. Só áquelles que entre marinheiros passaram a maior parte da vida é dado conceber uma idéa perfeita do poder dos seus habitos.

O seu defeito essencial, fonte do seu infortunió, é uma imprevidencia absoluta, que os desvia de olhar para o dia d'amanhã; dissera-se que não creem na existencia da miseria senão no momento em que já não podem escapar-lhe, e quando ella os colhe, com facilidade desanimam, e breve succumbem. Se lhes fallam n'um hospital, n'uma casa de refugio ou n'outro qualquer lugar de caridade que não tenha conexão com a marinha, não é a mais leve de suas enfermidades a repugnancia que mostram em demanda-lo; repugnancia que ninguem poderá vencer antes d'elles cairem em tão completo abatimento que lhes falleçam forças para oppôr ao peso da sua miseria, e sofrimento, prestes a esmagá-los. O marinheiro preferirá vender o seu ultimo vestido, ao ir pedir agasalho n'um hospício de terra; e os que, tendo lidado com gente do mar conhecem quanto os marítimos são indocéis neste particular, sabem que elles quasi sempre, antes querem ficar a bordo de suas embarcações na contingencia de morrer, do que entrar n'um hospital com a esperanza de recobrar saude.

Um montão de marinheiros enfermos ou doentes entulhava os bairros mais proximos ao porto de Londres. Qual fosse o seu numero, ignorava-o a commissão da sociedade da London Tavern; porém esta circumstancia não afroucou o zelo daquelles dignos philanthropos: cubriram-se de assignaturas as listas dos subscriptores, e só faltava dar o projecto á execução. Estabelecido o principio de que o marinheiro só embarcado consente que o tractem e curem, e que para ser curado carece de ver o mar, occorreu a toda a sociedade um unico pensamento, — o de lhe preparar um hospital a bordo d'uma embarcação. Poderiam os medicos oppôr argumentos contra a escolha de semelhante local, mas provou a experiencia que ella fôra acertada. Nunca faltam na Inglaterra náus desarmadas: a primeira que obtiveram para esta obra philanthropica foi a *Grampus*, de cincoenta peças, e tão feliz resultado tiveram as tentativas alli feitas, que em breve foi preciso lançar mão de navio mais espaçoso, e transferir o hospital para bordo de uma náu de tres pontes denominada a *Dreadnought*, uma das embarcações que tinham estado em Trafalgar ás ordens de Nelson; velha e tremenda machina de des-

truição e carniceria, transformada por esta circumstancia, em instrumento de caridade, em monumento philanthropico. Este navio, que hoje não póde deixar de causar vivos interesses aos amigos da humanidade, está ancorado no Tamisa, defronte de Greenwich, ponto o mais conveniente, por ser o mais central e visinho das mattas de navios fundeados no rio, onde infelizmente acontecem amiudadas desgraças. É este o unico estabelecimento onde encontram refugio todos os marinheiros doentes ou feridos, que chegam de todos os pontos do universo.

A organização do hospital de *Dreadnought* é em geral a mesma que a dos hospitaes de terra. Ha allí um superintendente, um cirurgião, um boticario, um conselho de medicina, e um capellão. Todos os marinheiros doentes, sejam quaes forem as suas nações, podem apresentar-se e contar que serão bem recebidos, sem que tenham a minima necessidade de cartas de recommendação. Desta facil admissão resultam grandissimas vantagens; porque os marinheiros, ignorantes, como são, das formalidades administrativas, se acaso soffressem muita demora, deixariam as mais das vezes de querer ser alli tractados.

O marinheiro, logo que se restabelece d'uma longa doença não tem casa onde se recolha, e descance o corpo que as fadigas e as dores enfraqueceram, e muitas vezes via-se obrigado a passar os dias e as noites ao desamparo, deitado na rua; porém agora lá está para soccorre-lo o hospital dos marítimos, onde não sómente são conservados os convalescentes o tempo preciso para recobrem as forças, depois de haverm recuperado a saude, mas tambem se diligencia por todos os modos achar-lhes commodos, mediante a intervenção dos membros da commissão, os quaes mantem relações com proprietarios de navios, se é que elles proprios os não possuem.

São mui frequentes os naufragios nas costas d'Inglaterra, e a sociedade dos marinheiros soffre allí grandes estragos. Ora, como quando já de nada valem os soccorros da medicina, resta ainda aos doentes a esperanza de recuperarem a saude se voltarem á sua patria, o hospício lhes subministra quanto lhes é necessario para a viagem.

OS HARENS DO EGYPTO.

1.º

Os HARENS, esses sanctuarios antigamente innaccessiveis se não patenteado aos olhos de senhoras europeas, e de alguns medicos, e homens de negocio; e se ainda não foi possivel advinhar quaes alli sejam os costumes internos dos esposos e das esposas, conseguiram-se ao menos descripções particularisadas d'esses logares, tanto tempo secretissimos, onde o mussulmano occultava a sua ventura. A formosura das mulheres causa aos orientaes tanto ciume, quanto causava Jehovah a Moysés e aos judeus: recatam-na de todos, sem que por isso lhe tribudem menos respeito e adoração. O asylo domestico é no seu conceito uma arca sagrada, que os olhos d'um estranho profanam e polluem. Os occidentaes, pelo contrario, praticam com as mulheres quasi o mesmo que os pagãos com seus deuses; nas casas, nas ruas, nas praças, nos espectaculos, as expoem á veneração e ás homenagens de todos, e ambicionam tanto um grande concurso de fieis para o culto do seu amor proprio, quanto aquelles o ambicionavam para a gloria dos seus idolos.

O filho do Oriente encerrou sua mulher para melhor adora-la, e esta costumou-se a amar o encerco para grangear melhor a adoração dos homens. Aquellas que, por terem de viver do seu trabalho quotidiana-

no, não poderam oppor as paredes domesticas a olhos curiosos, cobriram-se com veus, e de seus vestidos fizeram uma especie de harem portatil. Esta explicação do veu, embora pareça especiosa, saiu da bocca d'um mussulmano, e até aquelles que não a admittirem, hão-de confessar que a suggeriu um sentimento delicado da dignidade e importancia da mulher; porém, seja o que fôr, hoje quasi todas as mulheres do Egypto usam de veus, e os consideram symbolos do pudor, da decencia, e da honra. A mulher respeita o rosto como a parte mais nobre do seu todo; se alguém lhe pedir que se descubra na presença de algum estranho, responderá pasmada: "É vosso ou meu parente? — É quando a obriguem não ousará levantar os olhos; será tímida e acanhada; porque sua belleza, e o seu amor pertencem exclusivamente a um homem só.

As pessoas de alta jerarchia teem as suas mulheres n'um serralho ou palacio separado do restante das habitações, e nunca recebem visitas nos aposentos pertencentes a ellas, onde nem a justiça póde entrar. Os harens do Egypto são de ordinario casas brancas, de um só andar, e muitissimo irregulares. Teem na parte de cima uma larga abertura, que lhes serve de ventilador, dando passagem ao vento norte, que sopra regularmente no estio: as janellas, abertas na parede coísa de dez e meio a doze palmos acima do chão, são espaçosas, e estão tapadas até os dois terços da sua altura, com redes de arame, fixas, e de malha tão apertada, que não se póde ver de fóra para dentro, ainda que quem encostar os olhos aos vãos da rede póde ver de dentro para fóra. Mesquinha consolidação das infelizes habitadoras destas clausuras do Oriente! Ha harens cujas janellas em vez de redes, teem um tapume de madeira ou de alvenaria que toma tres quartas partes da janella, e não deixa entrar luz senão pela parte superior, assim como não consente se descubra o que vaé pela rua ou pelo campo. As janellas de quasi todos os harens teem vidraças por de traz das redes ou tabiques; e a maior parte das peças exteriores de madeira são pintadas de cinzento ou verde, posto que a madeira se conserve optimamente no Egypto sem ser pintada. Quando teem jardins, são as paredes destes tão altas que de nenhum dos lados é possível descobrir quem nelles anda passeando; para mais cautela não deixam subir aos corucheus senão certos homens cegos, que annunciam as horas das resas. As mais das vezes tem todo o edificio uma unica porta. Um corredor que termina n'outro em angulo recto prohibe que da entrada se devasse o interior da casa. Um *basuab* ou porteiro subordinado ao eunuco negro tem a seu cargo guardar a porta: de noite dorme estendido nella, e de dia nunca se arreda do seu posto. Tal é o exterior dos harens.

Quanto ao interior, constam de sallas espaçosas e altissimas, com janellas como as que acabamos de descrever: as paredes não são tapizadas, mas pintadas de branco e ornadas de desenhos coloridos, entre os quaes são lançados com mão larga arvores, flores, e mirantes, porque aos mahometanos a sua lei lhes prohibe representarem entes vivos, e principalmente o homem. No dia de juizo dirá Deus ao homem que houver representado uma creatura viva: "Anima, se pódes, essa imagem vaã! . . . Quizeste lutar com o meu poder, e o inferno será teu premio! . . . Os arabescos com todas as suas irregularidades não deixam ás vezes de recrear muito a vista. Ha alli armarios de madeira embebidos nas paredes, onde costumam guardar os aprestos para o café, os sorvetes, os doces, &c. Os tectos são de madeira elegantemente lavrados e pintados de côres. Cumpre porém observar que os arabes dos nossos dias não são artistas

tão peritos como eram os dos tempos passados, e que todas as artes teem entre elles decaído a ponto de não serem hoje mais do que imitações grosseiras. Tres lados da sala são guarnecidos de assentos largos, a que chamam divans, cubertos de fazendas com grandes lavores; o lado por onde se entra tem de ordinario um nicho na parede que serve de deposito de diversos objectos de utilidade domestica. O pavimento é formado de grandes lages quadradas ou de pedagos de marmore branco e preto: algumas vezes leva por cima um estrado para dar maior altura aos divans, e para não deixar que a humidade estrague as esteiras e alcatifas. Este espaço mais alto separa-o do resto da sala uma grade de balaustres delgados e primorosamente feitos ao torno. Junctem-se a estes casarões alguns camarins, banhos, e uma cosinha, e far-se-ha uma idéa exacta da habitação das mulheres.

Os móveis são, come se vê, simples, ainda que ricos; porém esta mesma simplicidade realça a magnificencia das galas das mulheres, e augmenta-lhes a elegancia da figura. O amplo espaço daquellas grandes salas é todo consagrado á belleza. Imaginem que delicioso espectaculo não será ver tantas formosuras reclinadas nos morbidos coxins do divan, vestidas de sedas vistosas e riquissimas, adereçadas de joias refulgentes, com as cabeças ornadas de custosas placas de diamantes, e os cabellos separados em mil trancinhas carregadas de perolas e moedas de ouro! Escravas brancas e pretas, respeitosas e submissas, procuram ler-lhes nos olhos as vontades, advinhar-lhes os pensamentos, e mal um volver d'olhos, um simples gesto, deixam transluzir um desejo, correm sollicitas a cumpri-lo. As danças, a musica, os contos, o estudo dos atavios que mais aformoseam, e algumas vezes os cuidados domesticos lhes absorvem todo o tempo. Agradar é o seu fim unico, o seu maior desvelo.

Com tudo, sem uma jerarchia severa não poderia existir semelhante associação de mulheres. A mais auctorizada de todas as mulheres é a esposa legitima, a quem pertence o governo do harem: são-lhe subordinadas todas as pessoas que o compõem, e ella, qual mãe desta numerosa familia, lhes acode com o necessario, administra a justiça, pune e recompensa. Responsavel directamente para com o seu marido, só d'elle recebe ordens. Tem debaixo da sua alçada a thesoureira, a que tem a seu cargo a cosinha e as baixellas, a incumbida das roupas, as que se occupam nas diversas obras de agulha, e finalmente as que dançando, cantando, ou repetindo contos devent dissipar o enojo do harem.

A auctoridade de esposa, por isso mesmo que é muito extensa não admitté divisão; e por isso o marido que tem muitas esposas legitimas não as ajuncta na mesma casa, se não quer que se lhe converta o harem n'um verdadeiro inferno, mas dá a cada uma habitação, domesticos, e escravos distinctos.

Depois da soberana do harem seguem-se as escravas que teem tido filhos, e que por isso passaram á condição de livres; d'ahi as simples escravas que ainda não foram mães, e em ultimo logar as escravas domesticas, que pela maior parte são negras ou abyssinias. O senhor do harem, namorado ás vezes das prendas destas escravas, ou por extravagancia, chega a criar-lhes amor, e a eleva-las á classe das escravas brancas, donde podem passar á de libertas em sendo mães.

O eunuco negro reina inflexivel, e severo entre esta communiidade mulheril. Elle obedece como um automato ás ordens do seu senhor, e se é certo o que contam das luctas das mulheres do grão-senhor com

os eunucos, o veneno ou o desterro para Méca são os premios que de ordinario estes recebem da sua fidelidade. No Egypto souberam as mulheres fazer melhor uso do seu poder, peitando os eunucos. Já alli se não tingem de sangue essas espadas de dois gumes, que tão assustadores são nas legendas, e os eunucos converteram-se em debéis meninos, que mais parecem escravos das mulheres do que seus carcereiros.

O MESTRE ASSASSINADO.
Chronica dos Templarios.
1320.

I.

NA PONTA de um promontorio, que fica ao leste, na ilha de Mull, uma das Hebridas, campeavam ainda as paredes e tectos meio-arruinados da gothica ermida de S. João. Os sarracenos, pirateando até os mares do norte, a haviam accommettido e roubado. Deserta desde então, só era frequentada pelos pescadores, que juncto ao cabo vinham ás vezes lançar suas redes, e que nella se abrigavam, quando alguma tempestade os salteava de improvisio.

Era ao fim da tarde. Antes de tempo um bulcão negro e medonho tinha espalhado as trevas da noite; a tormenta soava nos mares com temeroso ruido; e o vento assoviava pelas escadas da ermida; e pedaços de vidros quebrados tiniam caindo das frestas esguias.

Patricio, o moço barqueiro, se tinha abrigado debaixo da alpendrada da igreja com o pequeno David seu companheiro: de balde havia batalhado por cortar, atravez das penedias, para o interior da ilha, onde habitava; em vão accendera um facho: o vento lh'o apagara logo. Esperava alli, portanto, que a tempestade se aquietasse. A sua barca, presa por um forte cabo jazia segura na enxada, posto que batida pela inquieta ressaca.

Pouco a pouco foi quebrando o vento: as nuvens se espalhavam para o occidente, as vagas cruzadas que trepavam aos rochedos estouravam com menos horroroso bramido. A lua tinha surgido nos ceus, e mandava seus raios suaves a consolar a terra.

Era tempo de voltar a casa: o pobre David com instancia o pedia ao barqueiro: mas este não o escutou. Attento applicava o ouvido para o lado do eremiterio. De repente, com voz sumida e tremula disse, tapando a bocca ao rapaz.

“Anjo da minha guarda! Que ouço! Vozes de homem neste ermo! Não vês o clarão frouxo que sae daquella janella que está ao rez do chão? Vae rapaz, manso, manso, examina o que é: porque dalli sae o som. Mas toma sentido: olha não te pressintam. Mas vae; senão!” —

Posto que tremendo, assim o fez David. Manso, e manso, se foi chegando á janella; e com pasmo viu o que se passava dentro daquelle recinto.

Um subterraneo comprido se estendia ao longo do eremiterio: — esta janella ficava em um dos topos: mas desde muitos annos que nenhum habitante de Mull passava por juncto della. Contavam-se muitas historias a respeito daquella janella, e os credulos pescadores, não tendo necessidade de examinar esse mysterio, quando iam ao promontorio procuravam sempre affastar-se della.

Ao clarão de uma luz baça, grande numero de homens desconhecidos alli estavam, e em linguagem inintelligivel pareciam altercar uns com outros. Cubertos com mantos brancos, cada um tinha na mão uma espada reluzente. A debil claridade do subterraneo, e o terror do rapaz lhe tolheram o divisar mais nada.

Patricio sentiu correr-lhe pelos membros um suor frio, quando David lhe veio dizer o que vira, e fez o signal da cruz.

“Sancto Deus! São certamente aquelles fidalgos francezes que vieram ha annos ter a esta ilha, e que em certos dias se ajuntam neste ou em outro sitio. Vamo-nos daqui embora não nos succeda alguma! Ai de nós se percebem que os espreitámos. Um delles cegou Murray só porque lhe disse algumas palavras pesadas. Anda! Vamo-nos embora.”

Dicto isto agarrou na mão a David, e o foi quasi a rastos levando atraz de si pelos fraguados da serra. Os sóccos dos dois barqueiros ressoaram pelas pedras, e a sombra de seus corpos se prolongava pelos penhascos, onde o luar batia de chapa: foram sentidos!

O grito de: alto-lá! que reboou por aquellas quebradas, os fez parar de repente. Um homem vestido de branco e com a espada nua na mão se lhes poz diante: o seu ar era ameaçador. David se arrojou por terra, e Patricio aterrado, deitou para traz o capuz do felpudo gibão, e clamou com voz truncada. “Perdão! Perdão! Eu não o sabia! Foi o acaso, e a tempestade quem me trouxe ao pé da ermida!”

“Que é lá isso irmão?” — Perguntou outro, que saiu da porta da ermida, tambem vestido de branco. “Chove!” — respondeu energicamente o primeiro.

“Tende mão nos profanos!” Repliou o outro, recolhendo-se apressadamente para dentro.

Não era necessario usar de força para executar esta ordem; já o terror tinha tornado immoveis os dois miseraveis. Bem viam que o terrivel estrangeiro não gracejava com elles.

Entretanto, de toda a parte, no dilatado firmamento, scintillavam as estrellas no fundo do azul espaço, e nem uma pinga só de chuva caía do ceu, onde passava a lua em toda a sua magestade. Patricio estava callado, resolvido a fazer uma confissão sincera de tudo o que succedera, e resignado com a sua sorte.

Então saiu da porta da ermida um homem ricamente vestido, o qual principiou com aspecto severo, a fazer perguntas aos dois barqueiros. Patricio disse a verdade; David a confirmou: dos discursos de ambos concluiu o cavalleiro que elles nada importante tinham descuberto. Mandou, portanto, embora David, ordenando-lhe voltasse immediatamente para casa, e não revelasse uma só palavra das que tinha ouvido, uma só cousa das que vira. “Silencio! lhe disse o cavalleiro, se queres conservar a lingua e os olhos; aliás uma e outros te serão arrancados!”

Prometteu o pobre rapaz cumprir á risca tudo o que se lhe ordenava; e leve como um gamo, deitou a correr por aquellas fragas sem lhe importar o que succederia ao amo, que ainda ficava em poder dos estrangeiros.

O cavalleiro voltou-se depois para Patricio, que estava meio morto de medo. “Tu és barqueiro: lhe disse. Não é assim?” —

“Ha muitos annos que essa é a minha vida.”

“Atreves-te a levar um homem, sem mala, sem creado, sózinho, até as costas de França, perto de Calais, e deita-lo em terra juncto de uma torre edificada em remotissimos tempos, e ennegrecida pelas tempestades e pelos seculos? Atreves-te a torna-lo a trazer aqui logo que elle quizer voltar?”

“E porque não? — respondeu Patricio cobrando animo, depois de hesitar um pouco. “Forte é o meu barco; e eu teria vergonha de tornar a guiar um leme, se me não atrevesse a cruzar com elle o canal. Estou prompto a soltar a vella, uma vez que nisto não haja senão os perigos do mar, e que me pagueis o meu trabalho.”

“Serás satisfeito” — respondeu o venerando cavalleiro. “Vae preparar o barco. Daqui partirás para o teu destino.”

“Já? — perguntou Patricio enleiado. “Depressa estará prestes a barca: mas preciso levar para lá mantimento. Irei a casa buscar o meu pão de centeio e algum peixe escallado.”

“Não, não é preciso! — interrompeu o cavalleiro, irado, e soltando uma praga em francez. O teu companheiro cuidará do sustento. Confia nelle!”

Dizendo isto o velho voltou para a ermida; e o guarda, involto no seu manto branco, acompanhou o barqueiro até a enseada. Patricio desamarrou o bachel, onde collocou um banco para se assentar o passageiro. Bem pouco tardou este. Era um mancebo vestido de preto. Entrou na barca, e assentou-se sem dar palavra. Pensativo, e encostando a cabeça sobre o punho da sua larga espada, deixou-se conduzir aavez das ondas escumosas, sem se despedir do outro, e nem sequer fazer caso das vagas que ás vezes o rociavam batendo umas contra as outras na encontrada ressaca.

Ei-los ao largo! — O tempo estava sereno; e a barca abria ao luar uma longa esteira no meio do mar socegado. [Continuar-se-ha.]

INSTINCTO DA AGUIA.

OS HABITANTES de Heligoland teem varios vezes observado os estratagemas empregados pelas aguias daquelle paiz para se fazerem senhoras das rezes que pretendem devorar. Mergulha a ave no mar e quando conhece ter as pennas completamente molhadas espoja-se na praia para que as azas lhe fiquem cubertas de arêa. Uôa depois, e n'uma grande elevação pairando espreita o boi que escolhera. Em a occasião lhe parecendo favoravel, baixa, e sacudindo com força todo o corpo lança sobre o animal uma chuva de arêa e pedrinhas que o cega. O boi cansado de supportar os golpes repetidos que lhe dá a aguia com as fortes azas, deita a fugir, cego, cheio de terror, e sem atinar donde vem o inimigo que o assalta, ou que caminho tomará para se livrar de tão cruel perseguição. Corre á tôa enraivecido até que faltando-lhe as forças cae por terra, quando não acontece que falto do soccorro dos olhos se precipite n'algum dos despenhadeiros que se encontram nos sitios por onde sem destino vae fugindo. A aguia, que nunca o perdeu de vista, vem então tomar plena e pacifica posse da sua victima.

ROTULOS FEITOS DE RETALHOS DE FOLHA DE FLANDRES.

CORTEM-SE os retalhos com uma tesoura, de modo que fiquem da grandeza conveniente; depois lavem-se com uma solução de potassa misturada com pó de tijolo, para lhes tirar as materias gordurentas, e deixem-se seccar.

Em os retalhinhos estando bem seccos pôde-se-lhe escrever por cima com uma penna molhada n'um liquido, cuja composição é a seguinte:

Acido nítrico [agua-forte dos droguistas] dez partes.
 Agua..... dez partes.
 Cobre..... uma parte.
 Dissolve-se o cobre na agua-forte, e juncta-se-lhe a agua.

A unica precaução que ha de tomar quem quizer escrever com este liquido consiste em não levar na penna grande porção d'elle; pois aliás alastrará a tincta, e os traços ficarão confusos. Por este meio podem-se aproveitar pedacinhos de folha de Flandres, [que pouco ou nenhum valor teem] para rotulos de

garrafas depositadas em logares subterraneos e humidos. Esta descuberta é de particular proveito para os boticarios, e para as pessoas que teem de conservar certos liquidos em taes logares.

Annos de J. C. SEMANARIO HISTORICO.
 Agosto 5.

1587 — Os habitantes de Ceilão revoltados contra os portuguezes accommettem a cidade de Columbo; mas, em um violento ataque neste dia são totalmente rotos e desbaratados.

6

1221 — S. Domingos, o fundador da ordem dos dominicanos, inventor da inquisição, e flagello de todos os dissidentes da igreja romana; morre da idade de 51 annos, tendo a satisfação de ver a sua ordem espalhada já pela maior parte dos paizes da Europa.

1651 — Nascimento de Fenelon, arcebispo de Cambrai, e auctor do Telemaco; morreu em 1715.

7

1830 — Data da nova carta constitucional da França.

8

1511 — Affonso de Albuquerque attaca segunda vez a cidade de Malaca, e assenhorea-se d'ella. Veja-se o n.º 60.

1827 — Morte de Jorge Canning, ministro inglez. Tinha tomado por divisa: *Liberdade civil e religiosa de todos os povos.*

9

70 — E' queimado o templo de Jerusalem pelos romanos.

10

1506 — Tristão da Cunha descobre a ilha de S. Lourenço ou Madagascar.

1653 — O famoso Tromp, almirante hollandez, morre, em um combate contra os inglezes. Teria apenas oito annos, quando seu pae, navegante intrepido, o fez embarcar como grumete. Seguindo os postos veio a alcançar toda a sua reputação na guerra que houve entre a Hollanda e a Inglaterra no tempo de Cromwell. Tromp trazia uma vassoura no topo do mastro grande, para annunciar que havia de varrer o oceano de navios inglezes.

1734 — Foi celebre este dia em Lisboa porque durante elle houveram, ao mesmo tempo, tres incendios espantosos na cidade; um na rua nova do Almada defronte da casa da Congregação do Oratorio, em que arderam cincoenta e nove moradas de casas; outro no mosteiro da Encarnação, que consumiu quasi todo o edificio; outro, emfim, juncto á igreja do Paraizo, no qual se queimaram muitos edificios, e se arruinaram outros.

11

1161 — Instituição da ordem de Aviz.

1649 — Morre João Pinto Ribeiro: homem ousado e emprehendedor, e jurisconsulto celebre. A elle se deve principalmente a revolução de 1640, que collocou sobre o throno a D. João 4.º — Escreveu varias obras, que correm impressas.

Escriptorio da Direcção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, Rua Nova do Carmo N.º 39 = D.

LISBOA — NA TYPOGRAPHIA DA SOCIEDADE.